



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



Quais aposentadorias o MEI tem direito?



O MEI pode se aposentar por qualquer tipo de aposentadoria, seja por idade ou por tempo de contribuição. No entanto, é importante estar atento à forma como deve efetuar ou complementar seus recolhimentos previdenciários. Isso mesmo: complementar.

O MEI deve pagar uma alíquota reduzida de 5% sobre o valor do salário-mínimo. Isso é uma previsão imposta pela LCP 123/2006, ou seja, não é possível recolher 5% sobre um valor maior que o salário-mínimo, porque essa é uma delimitação imposta legalmente. As contribuições feitas como MEI, via DAS, só contam como tempo de contribuição para a modalidade da aposentadoria por idade.

Mas, como conseguir uma aposentadoria por tempo de contribuição?

Por mais que as contribuições como MEI só contem como tempo de contribuição para as modalidades de aposentadoria por idade, é possível conseguir, também, uma aposentadoria por tempo de contribuição.

Mas, existem duas ques-

tões às quais você precisa estar atento:

- Complementar as contribuições.
- Limite do valor da complementação.

Complementar as contribuições.

A primeira delas é a de que essas contribuições ainda podem ser utilizadas para aposentadorias por tempo de contribuição, desde que sejam complementadas.

Isso significa que aquele recolhimento de 5% pode ser complementado, a partir do recolhimento de mais 15%, totalizando o recolhimento de 20% sobre o valor do salário-mínimo. Na prática, o valor é de R\$ 242,40 (20% de R\$ 1.212,00).

Esse recolhimento pode ser feito mediante requerimento ao INSS, junto do pedido de concessão de aposentadoria. Mas, se você preferir adiantar essas complementações, é possível recolher com a guia de pagamento do INSS, a partir do código 1910.

No entanto, a emissão da guia não pode ser feita de forma digital.

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação. E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

Mas, afinal, com quantos anos se aposenta o MEI?

Em regra, homens se aposentam com 65 e mulheres com 62 anos de idade. Porém, esse não é o único requisito para se aposentar.

Sobre os tipos e aposentadoria para o MEI, a regra de transição pré e pós reforma de 13/11/2019, a

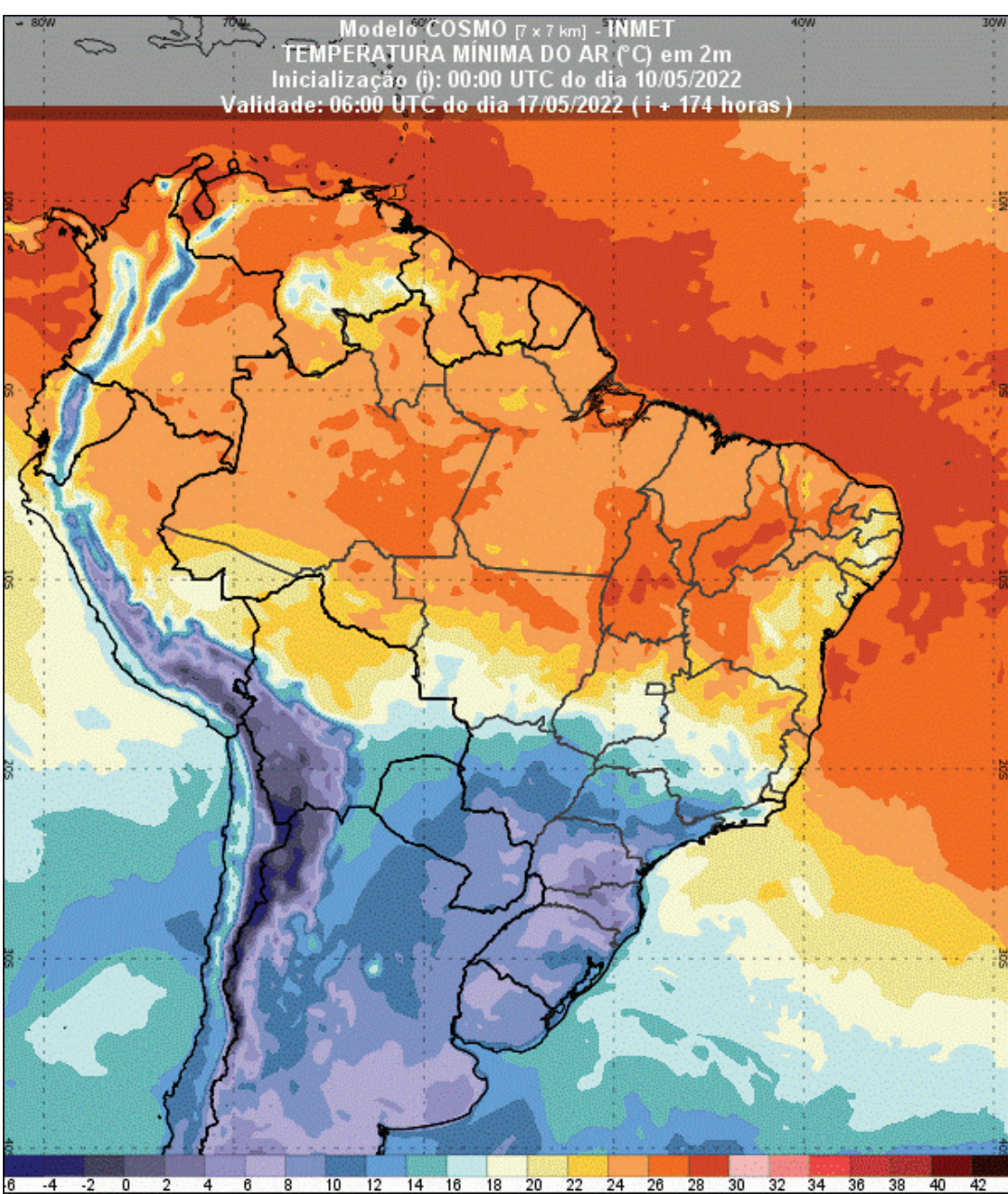
aposentadoria programada e outras informações estarão em meu próximo artigo. Até lá!

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br



Brasil terá semana com onda de frio e geada



Uma intensa massa de ar frio deverá atingir grande parte do Brasil a partir de domingo (15), causando acentuada queda de temperatura em parte da Região Sul. A partir do dia (16), a massa de ar frio avança rapidamente pelas demais áreas do

Sul, chegando ainda nas regiões Centro-Oeste e Sudeste e, até a noite deste dia, poderá atingir, inclusive, os estados de Rondônia e Acre.

Durante este período, as temperaturas poderão cair em torno de 10°C (queda entre a tempera-

tura mínima de um dia comparada à temperatura mínima do dia anterior), especialmente na Região Sul e no sul das regiões Centro-Oeste e Sudeste. No Acre e em Rondônia, o frio deve causar o segundo episódio de friagem do mês (o primeiro ocorreu entre os dias 4 e 5 de maio).

A Figura 1 apresenta a previsão de temperatura mínima na madrugada do dia 17/05. Tons em azul e roxo indicam áreas com previsão de temperatura mínima menor que 12°C. Destaque para áreas nas serras Gaúcha e Catarinense e no Planalto Sul do Paraná, onde as temperaturas poderão ser negativas.

Geada

A tendência é de condições favoráveis à formação de geada ampla na Região Sul, e em pontos do sul de Mato Grosso do Sul e da Região Sudeste, entre os dias 17 e 23 de maio. As geadas poderão ser fortes em alguns pontos e, atualizações nos próximos dias serão essenciais para definição de local e intensidade. A Figura 2 apresenta a tendência de risco de formação de geada para a manhã do dia 19. Áreas em vermelho indicam previsão de risco de geada forte, amarelo indica risco de geada moderada e, em azul, áreas com previsão de geada fraca.

Do ponto de vista agrometeorológico, a geada é um fenômeno causado pela ocorrência de baixas temperaturas que promovem o congelamento dos tecidos vegetais, havendo ou não a formação de gelo, e provoca a morte das plantas ou de suas

partes (folhas, ramos, frutos). Ela pode ser ocasionada tanto por entradas de massas de ar frio, quanto por um intenso resfriamento da superfície, durante noites de céu limpo e sem vento. Além disso, o efeito nas plantas varia de acordo com a espécie, a sua tolerância ao frio e a fase fenológica que se encontra e sua ocorrência resulta, em muitas vezes, em severos prejuízos econômicos principalmente se ocorrerem precoce ou tardiamente.

Além dos alertas emitidos pelo Inmet, o Sisdiagro – Sistema de Suporte à Decisão na Agropecuária possui uma ferramenta de previsão de condições favoráveis à formação de geada com antecedência de 5 (cinco) dias. O Sisdiagro pode ser acessado no portal do Inmet ou clicando em <http://sisdiagro.inmet.gov.br/>

Neve

Vale destacar que, por enquanto, há uma pequena possibilidade de ocorrência de neve nas serras Gaúcha e Catarinense entre a noite do dia 16 e madrugada do dia 17. Para maiores detalhes e possíveis mudanças na previsão de ocorrência de tal fenômeno, recomenda-se acompanhar as próximas atualizações desta nota.

A previsão de tempo e os avisos meteorológicos são divulgados diariamente no portal, aplicativo e redes sociais do Inmet:

Instagram: @inmet.official

Twitter: @inmet_

Facebook: @INMETBR

Tiktok: @inmetoficial

Youtube: INMET

Informações à imprensa

Com tecnologia e inovação, produção agropecuária dobrou no Brasil em 22 anos

O dado consta no livro “Uma Jornada Pelos Contrastes do Brasil: Cem anos do Censo Agropecuário”. A obra também aponta que, entre os censos de 2006 e 2017, a área agrícola com plantio direto aumentou 84,9%

Nos últimos 47 anos, a agropecuária cresceu em média 3,22% ao ano. Entre os censos de 2006 e 2017, a taxa de crescimento aproximou-se de 4,3%, superando Estados Unidos (1,9%), China (3,3%), Chile (3,1%) e Argentina (2,7%). De 1995 a 2017, o Valor Bruto da Produção dobrou, sendo que a tecnologia foi responsável por mais de 60% desse crescimento.

Esses são alguns dos dados do livro Uma Jornada Pelos Contrastes do Brasil: Cem anos do Censo Agropecuário, lançado nesta terça-feira (1º) pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com a participação de 64 pesquisadores de diversas instituições, o livro traz um diagnóstico atual da agropecuária brasileira a partir de uma análise histórica e de informações estatísticas coletadas pelo censo agropecuário, realizado no país desde 1920.

>> Acesse aqui o livro

A publicação foi organizada pelos pesquisadores José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho (diretor de Programa do Mapa) e José Garcia Gasques (coordenador-geral de Políticas e Informações do Mapa), que dividiram as análises em cinco temas: produção e renda, produtividade e inovação, agricultura familiar, políticas públicas e sustentabilidade produtiva.

No lançamento virtual do livro, a ministra Tereza Cristina reforçou para o planejamento da agropecuária do futuro. “Precisamos de in-

teligência estratégica para crescer, planejar o futuro da nossa bem-sucedida agropecuária brasileira”.

Ela destacou os desafios apontados pelo livro, como facilitar o acesso de pequenos e médios produtores ao crédito rural e ampliação da oferta da assistência técnica aos agricultores familiares. “Precisamos perseguir para que o crédito rural seja cada vez mais inclusivo e que traga cada vez mais rena, benefícios para aqueles que estão no campo. A assistência técnica, ainda não conseguimos sair do patamar de 17%. Precisamos atingir um percentual cada vez maior de assistência técnica, principalmente no Nordeste, onde é essencial incluí-la nas políticas públicas”.

O presidente do Ipea, Carlos von Doellinger, ressaltou a participação cada vez maior do setor na economia brasileira. Segundo ele, estimativas do instituto apontam que as cadeias produtivas do agro (produção, armazenagem, comercialização e etc) podem chegar a 25% do PIB. “O agro é que vai fazer o futuro do Brasil, está mostrando serviço e é onde estão nossas vantagens competitivas e que estamos sabendo aproveitar”.

>> Veja o lançamento do livro

Já a presidente do IBGE, Susana Guerra, destacou o comprometimento da instituição com a realização dos censos agropecuários, fundamentais para orientar as políticas agrícolas. “Essa é a missão do IBGE, retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e exercício da cidadania que se mostra com muita clareza no caso do Censo Agropecuário. As dimensões sociais, econômicas e ambientais da produção agropecuária brasileira são apresentadas para sociedade para serem analisadas em uma única fonte de dados”.

Tecnologia e produtividade

Um dos capítulos do livro mos-

tra como a tecnologia transformou a agropecuária brasileira em um modelo de sucesso e alavancou o Brasil, de importador de alimentos, a um dos principais players no cenário agrícola mundial.

Em 1995-1996, a tecnologia respondia por 50,6% do total da produção do agro, ao lado de 31,3% do uso da mão de obra e 18,1%, da terra. Em 2006, esse percentual passou para 56,8% e, em 2017, saltou para 60,6%.

“O setor caminha muito rápido. A agricultura está se especializando em produtos de alto valor agregado e de inovação tecnológica”, destacou José Garcia Gasques, citando como exemplo o desenvolvimento de variedades de sementes mais adaptadas aos diferentes tipos de solo e clima do país.

No lançamento do livro, José Eustáquio Vieira Filho destacou outros dados que demonstram a evolução da agropecuária. “Em 1920, contabilizaram-se 648 mil estabelecimentos. De outro, em 2017, havia em torno de 5 milhões de estabelecimentos produtivos. Nesse período, a área de produção subiu de 175 milhões para cerca de 351 milhões de hectares. A população ocupada mais do que dobrou, chegando a 15 milhões de pessoas empregadas no campo”.

>> Veja mais fotos do lançamento

A mudança na frota de tratores é outro indicador da modernização do setor. A oferta de máquinas agrícolas cresceu no país junto com o avanço da soja e do milho a partir da década de 1960, com o surgimento de variedades dos grãos mais adaptadas ao clima e condições do país.

“A mecanização, mensurada em tratores por hectare, cresceu significativamente entre 1970 e 2017, de 4,88 tratores por mil hectares, na primeira data, para 17,08 tratores por mil hectares, no segundo pe-

ríodo, demonstrando um vigoroso processo de mecanização do campo brasileiro”, afirmam os autores do capítulo 10.

Com adoção de máquinas e práticas mais modernas, o produtor rural também viu sua renda bruta crescer e os custos reduzirem. Os pesquisadores apontam que o desafio agora é a difusão das soluções inovadoras para todos os produtores rurais do país, de pequeno, médio e grande porte.

Sustentabilidade

No quesito sustentabilidade, o livro traz uma análise sobre a adoção do Sistema Plantio Direto (SPD) no país. O plantio direto é uma alternativa tecnológica para aumentar a produtividade agrícola e minimizar a emissão dos gases de efeito estufa. No plantio direto, é mantida a cobertura permanente do solo com resíduos vegetais (palhada) ou plantas vivas por mais tempo possível, as culturas são diversificadas ampliando a biodiversidade, uso de insumos de forma precisa e controle do tráfego de máquinas e equipamentos agrícolas.

Entre os censos agropecuários de 2006 e 2017, a área total com plantio direto passou de 17,9 milhões para 33,1 milhões de hectares (crescimento de 84,9%). Quanto aos estabelecimentos rurais com SPD, a expansão foi de 9,2%, de 506,7 mil para 553,4 mil.

O crescimento da área com o sistema foi percebido principalmente no Centro-Oeste, Sul e Sudeste. “A evolução da adoção do plantio direto entre os dois censos agropecuários está associada à maior proporção de lavradora temporárias; e ao maior acesso aos insumos de produção, crédito e assistência técnica”, diz trecho do capítulo 28. Os autores do capítulo sugerem maior acesso dos produtores ao financiamento e assistência técnica para o avanço do plantio direto.

Brasil e Egito querem ampliar o comércio bilateral de produtos agropecuários



Em reunião com ministros do Egito, Marcos Montes ressaltou a boa relação dos dois países

delegação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) esteve nesta terça-feira (10) reunida com representantes dos Ministérios da Agricultura e do Abastecimento do Egito. Em reunião com o vice-ministro da Agricultura do Egito, Moustafa El Sayeed, o ministro Marcos Montes destacou a boa relação comercial do Brasil com o país africano e a disposição para melhorar o comércio de produtos agropecuários entre os dois

países, a fim de atingir todo o potencial do comércio bilateral.

“Esse relacionamento é muito importante para os dois países, especialmente neste momento de preocupação com a segurança alimentar mundial”, disse Montes. Segundo ele, o ministro egípcio também garantiu que irá intermediar com o setor privado do país para que empresas privadas aumentem o fornecimento de fertilizantes para o Brasil.

Os temas sanitários também estiveram na pauta da reunião. O Ministro egípcio se comprometeu em manter os

temas brasileiros em alta prioridade, como as análises das listas de estabelecimentos brasileiros habilitados a serem atualizadas até outubro de 2022, além de solicitar ao Brasil atenção às demandas de exportação de frutas egípcias.

Nessa mesma reunião, a Embrapa assinou um Memorando de Entendimentos com a Agriculture Research Center (ARC) do Egito para intercâmbio de tecnologias em genética, sanidade, irrigação, mudanças climáticas e biotecnologia. Válido por cinco anos, o acordo inclui áreas como saúde e segurança de animais e plantas, melhoramento genético, uso de novas tecnologias como biotecnologia, nanotecnologia e técnicas geológicas na melhoria das qualidades do solo e dos produtos agrícolas. Também prevê o intercâmbio de especialistas e programas de treinamento entre os dois países.

Na agenda com o ministro do Abastecimento, Aly Al Moselhy, foram discutidas melhorias nos modelos de acesso a informações de leilões do governo para ampliar a participação dos empresários brasileiros. Outro tema tratado foi o início de estudos conjuntos para o equilíbrio de mercados entre fertilizantes vindos do Egito e produtos brasileiros destinados a este país.

Também participaram das reuniões com o governo do Egito o adido agrícola no Cairo, Cesar Simas Teles, e o embaixador do Brasil no Egito, Antonio Patriota. Nos próximos dias, a delegação se deslocará para o Marrocos onde fará a última etapa da missão internacional.

Mercado

O Egito é o principal destino das exportações brasileiras para a África, sendo que mais de 70% desse total é de produtos agrícolas. As exportações brasileiras do agronegócio para o Egito foram de cerca de US\$ 1,6 bilhão, em média, nos últimos 10 anos.

Quatro produtos concentram quase 90% da pauta exportadora para o Egito: carne bovina in natura, carne de frango in natura, açúcar bruto e milho.

As exportações do Egito ao Brasil somaram cerca de US\$ 50 milhões em 2021, sendo que azeitonas em conserva e plantas para medicina ou perfumaria representaram 65% do total.

Desde 2019, foram abertos 21 novos mercados para produtos brasileiros do agronegócio no Egito: 11 tipos de sementes, caprinos vivos, ovinos vivos, leite e produtos lácteos, miúdos bovinos, carne e produtos cárneos de aves, cortes de frango, produtos cárneos de suínos, feijão, fêmeas bovinas para reprodução e gengibre.

Bioinsumos podem ser aliados da produtividade em culturas orgânicas e convencionais

Programa lançado pelo Mapa promove o acesso, o desenvolvimento e o uso sustentável da rica diversidade biológica brasileira

aumento da produtividade, aliado à redução de custos e ao desenvolvimento de sistemas de plantio baseados em recursos mais sustentáveis são alguns dos principais atrativos para o uso de bioinsumos, que vem crescendo a cada ano no Brasil. Tanto na agricultura orgânica como na convencional, produtores buscam cada vez mais esse recurso para a nutrição de fertilizantes no solo ou no controle de pragas que atacam a lavoura.

Há 30 anos, o produtor Joe Valle cultiva insumos biológicos em sua fazenda especializada em produção agropecuária de produtos orgânicos. Localizada no núcleo rural Lamarão, em Brasília, a fazenda tem 50 hectares de hortaliças e também produz frutas, leite, ovos e até carne orgânica.

Para ele, os bioinsumos facilitam a produção de orgânicos e proporcionam alimentos mais saudáveis para a sociedade. Ele destaca que os bioinsumos feitos na Fazenda são resultado de metodologias já consagradas. “Hoje, a maioria dos produtos usados nas lavouras são produzidos na própria fazenda. A cama dos animais da propriedade, por exemplo, é feita a partir de uma mistura de resíduos orgânicos com rochas remineralizadas”, esclarece.

Esta mistura passa por um processo de compostagem, com duas “reviragens” por dia, usando rochas sedimentares, com a adição de serragem, carvão e esterco. A mistura é processada e transferida para o processo de compostagem. Quando o composto está maduro, é utilizado como nutriente para as plantas.

A Fazenda também produz um chá composto feito por um pool de microrganismos para garantir o equilíbrio do ambiente e, assim, deixar as plantas mais fortes. “Trabalhamos com extrato de alga, extrato de peixe, melão e uma fonte de carboidrato que é o polvilho. Assim, criamos essa quantidade de microrganismo composto benéfico, com bastante oxigênio, multiplicador, que serve de insumo no campo”, explicou.

Para Joe Valle, o Programa Nacional de Bioinsumos lançado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária

e Abastecimento há três meses, é o caminho do futuro. “É uma ferramenta fundamental para aumentar a escala de orgânicos no Brasil”, explica.

Cultivo de tomate orgânico na Fazenda Malunga

Agricultura convencional

Mas não é só na produção de orgânicos que o uso de bioinsumos traz benefícios. Na Fazenda Nova Aliança, em Planaltina (DF), há oito anos os bioinsumos são usados no plantio de feijão, soja e milho. “Hoje quase não utilizamos mais produtos químicos. Nós preparamos o solo com o plantio direto e com o uso de adubos equilibrados”, conta o engenheiro agrônomo e produtor rural Hélio Dal Bello.

Para ele, é crescente no Brasil a adesão de produtores rurais às práticas de agricultura sustentável e econômica, que utilizam mais bioinsumos e organismos biológicos. “Investimos na agricultura sustentável, precisamos ser responsáveis, cuidar dos córregos e manter a mata auxiliar nas lavouras. O Programa Nacional de Bioinsumos incentiva a utilização de recursos biológicos na agropecuária brasileira. Os produtores estão obtendo resultados e buscando mais informações sobre os bioinsumos”, comenta.

O número de defensivos biológicos registrados no Ministério da Agricultura tem avançado. São 275 produtos, entre bioacaricidas, bioinseticidas, biofungicidas e bioformicidas, e 321 inoculantes, um insumo biológico que contém micro-organismos com ação benéfica para o crescimento das plantas.

Plantação de feijão na Fazenda Nova Aliança

Mercado

Em 2019, o mercado de bio-defensivos nacional movimentou R\$ 675 milhões, crescimento da ordem de 15% em relação a 2018, e acima da média estimada de crescimento internacional. Os dados são da Croplife Brasil, associação que representa as indústrias de desenvolvimento e inovação nas áreas de biotecnologia, germoplasma, defensivo químico e biodefensivo. A média global de novos produtos biológicos registrados, por ano, aumentou de três para 11 na última



década.

Ainda, de acordo com a associação, em 2018, o setor realizou uma pesquisa, envolvendo usuários de insumos biológicos em 15 estados e em 11 culturas diferentes. O estudo concluiu que 96% dos pesquisados acreditam que o uso (taxa de adoção) de biodefensivos irá crescer nos próximos cinco anos.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Mapa, conta com um extenso trabalho de pesquisa dedicado ao controle biológico. São 632 pesquisadores trabalhando em 73 projetos relacionados ao tema e distribuídos em 40 unidades.

Programa Bioinsumos

O objetivo do Programa Nacional de Bioinsumos é aproveitar o potencial da biodiversidade brasileira para reduzir a dependência dos produtores rurais em relação aos insumos importados e ampliar oferta de matéria-prima para setor.

O diretor de Inovação do Mapa, Cleber Oliveira Soares, ressalta que o programa é um dos pilares da visão de bioeconomia que a pasta está desenvolvendo para promover o acesso, o desenvolvimento e o uso sustentável da rica diversidade biológica brasileira. “O Brasil é responsável por abrigar a maior biodiversidade do mundo. Os bioinsumos contribuem para o desenvolvimento de novas soluções tecnológicas, como também geram

renda, riqueza e qualidade de vida para os produtores, inseridos nos diferentes elos das cadeias produtivas da agricultura”, avalia.

Pesquisas

A produção de insumos biológicos demanda conhecimentos técnicos e controle de qualidade durante as etapas de produção e do produto final para que possa promover os benefícios ambientais e econômicos.

Para o diretor do IMAmt (Instituto Mato-Grossense de Algodão), Álvaro Salles, a demanda por insumos biológicos para uso na agropecuária é cada vez maior na produção convencional. “Percorremos o Mato Grosso, Pará, Amazonas, Rondônia e Tocantins. Investimos em pesquisa contra fungos, vírus e bactérias para encontrar alternativas e usar bioinsumos que façam o controle biológico de fungos e praga”, explica.

O IMAmt investe no controle do bicudo, controle de lepidópteros, principalmente Spodoptera (que gradativamente vem aumentando a resistência), controle dos nematoides e controle da mosca branca, entre outras pragas.

“É necessário reduzir custos de produção, diminuir o impacto ao meio ambiente e buscar uma agricultura mais sustentável. Todos os trabalhos do IMAmt são voltados para a pesquisa e inovação, buscando a longevidade do sistema de cultivo Mato-Grossense”, conclui Salles.

Hortas comunitárias e fazendas verticais são alternativas para agricultura em áreas urbanas



Com orientação e suporte da Embrapa, iniciativas valorizam plantio orgânico e incentivam comunidades carentes a cultivar hortaliças

liminar terrenos baldios em áreas urbanas, produzir e fornecer hortaliças para o consumo de escolas e famílias e melhorar a qualidade da alimentação da comunidade são algumas das vantagens da implantação de hortas comunitárias nas cidades.

Instaladas em lotes vagos que muitas vezes são utilizados como depósitos de entulho e se transformam em focos de doenças, a produção das hortas comunitárias abastece famílias que moram perto destes terrenos. Na maioria dos casos, a produção é feita a partir dos princípios de agricultura orgânica.

Há 15 anos, em uma área pública de cinco mil metros quadrados, a terra vermelha deu lugar a hortaliças e árvores frutíferas, tornando-se o que é considerada hoje a maior horta urbana do Distrito Federal – o Instituto Horta Girassol. A coordenadora do projeto, Hosana Alves, conta que tudo começou em agosto de 2005, quando aconteceu um surto de hantavirose na região. “A comunidade ficou muito preocupada porque tinha um lixão. Todos se mobilizaram e pedimos a ajuda da administração regional, que limpou o local”, lembra.

A partir de então, para evitar que o lixo voltasse a se acumular no local, a horta foi criada. Inicialmente, a plantação era pequena e, hoje, o Instituto Horta Girassol tem um projeto chamado Comunidade que Sustenta Agricultura (CSA), que funciona em parceria com produtores orgânicos e membros da comunidade. Os produtos colhidos são fornecidos aos participantes que ajudam com contribuição financeira para o espaço. Toda semana, após a colheita, eles recebem uma cesta de verduras, frutas e legumes em casa.

Outra experiência é a Horta Comunitária do Guará, criada em 2017, por meio da revitalização de um espaço público abandonado nos fundos da unidade básica de Saúde, na QE 38, no Guará II, também no Distrito Federal. Um grupo pequeno de voluntários se reuniu para limpar o mato, fazer a capina, os canteiros e começou a plantar.

“A iniciativa, além da produção de alimentação orgânica e saudável, sem agrotóxicos, promove o alívio de stress, bem-estar, segu-

rança alimentar, terapia e educação ambiental e sustentabilidade”, destaca a engenheira ambiental Dahiana Ribeiro.

Atualmente, a horta conta com cerca de 200 voluntários que a cada 15 dias se reúnem para plantar, cuidar dos canteiros e fazer a colheita nos encontros comunitários, realizados sempre aos sábados pela manhã. Muitos voluntários visitam a horta em busca de conhecimentos para replicar o modelo em seus bairros. Outros, para estudos acadêmicos e há aqueles que querem frequentar as oficinas de produção de sabão líquido e em barra.

A Horta Comunitária também conta com um Centro de Educação Ambiental, onde as crianças participam de brincadeiras e têm contato com legumes, verduras e frutas, aprendendo e se familiarizando com os alimentos produzidos: tomate, couve, beterraba, alface, jiló, repolho, quiabo e outros. Os encontros envolvem plantio de hortaliças, oficinas, discussão de temas, lanches comunitários, colheita e distribuição de cestas aos voluntários, e doação para entidades sociais como creches e igrejas.

Orientação ao produtor rural
A horta comunitária do Núcleo Rural Pipiripau, em Planaltina (DF), reconstruída pela comunidade neste ano, produz hortaliças como alface, salsinha, hortelã, couve e alecrim. Com o objetivo de incentivar a comunidade a ter seu próprio plantio orgânico, a horta comunitária distribui mudas para a comunidade e orienta a população no plantio e produção.

A farmacêutica Bábilla Nunes de Souza destaca que a proposta é estimular a produção de orgânicos na comunidade. “Vamos continuar produzindo e distribuindo as hortaliças, mas como é uma zona rural todo mundo tem pedaço de terra. Nossa ideia é não deixar a população tão dependente da horta”, comentou.

Além de incentivar o cultivo de alimentos naturais, o projeto cultiva plantas medicinais para produção de xaropes caseiros para comunidade.

Fazendas verticais
As fazendas verticais também ajudam no cultivo de hortas criadas em pequenos espaços urbanos. A Embrapa Hortaliças (DF), em parceria com uma empresa privada, desenvolveu pesquisas para produção de hortaliças em fazendas verticais.

O modelo de cultivo feito por prateleiras verticais permite aproveitar o espaço em ambientes fechados, com iluminação artificial com painéis de LED, controle de temperatura, concentração de CO₂, entre outras variedades.

As fazendas verticais ficam mais próximas dos consumidores e os custos com logística e transporte diminuem, evitando perdas de produtos. A agricultura em ambiente fechado utiliza áreas urbanas, em geral, galpões, armazéns abandonados, toldos de prédios localizados muitas vezes em locais com disponibilidade muito pequena de alimentos frescos e saudáveis, com alta eficiência no uso de insumos já que é um sistema de produção sem solo.

A pesquisa, iniciada em abril deste ano, está sendo feita no Laboratório da Embrapa Hortaliças, uma estrutura contendo um contêiner e três ambientes em agricultura controlada aproveitando o espaço vertical. “É mais uma proposta para somar o setor com produção de hortaliças e frutos frescos de alta qualidade nutricional no ambiente urbano. É um sistema que aproxima a produção de alimentos dos centros urbanos e atrai jovens para o cultivo de alimentos”, explicou o pesquisador da Embrapa, Ítalo Guedes.

Os experimentos avaliam qual é o melhor sistema de cultivo sem solo, a partir de duas possibilidades de manejo da nutrição e da irrigação (fertirrigação) das hortaliças: hidroponia e aeroponia. Na hidroponia, os nutrientes minerais estão dissolvidos na água, enquanto na aeroponia é fornecida sob pressão de um equipamento tipo nebulizador que joga a névoa da solução diretamente na raiz.

A técnica permite economia de 95% no uso de água e um aumento na produtividade. “Na primeira etapa da pesquisa cultivamos alface, rúcula, salsa, coentro e manjeriço. Conseguimos produzir com alta produtividade e diminuímos o cultivo das culturas em até 10 dias, economizando água e nutrientes”, comemora o pesquisador.

Os experimentos com morangos, tomates e pimentões já começaram, mas ainda é necessário acertar a luminosidade, tempo de exposição dos frutos à luz e a nutrição das plantas. A expectativa dos pesquisadores é produzir as hortaliças e frutos em um prazo menor que o cultivo em campo aberto.

Contratações do crédito rural somam R\$ 230 bilhões em dez meses do Plano Safra



Em dez meses do Plano Safra 2021/2022, foram financiados R\$ 230,2 bilhões, correspondendo a 1,5 milhão de contratos de crédito rural. O número representa alta de 22% no valor da contratação em relação ao mesmo período da safra anterior.

Do total desembolsado no crédito rural no período de julho/2021 a abril/2022, foram destinados R\$ 122,3 bilhões para custeio (19%) e R\$ 65,3 bilhões para os investimentos (13%). A comercialização teve alta de 51%, correspondendo a R\$ 28 bilhões. Já a industrialização teve acréscimo de 42%, com desembolso de R\$ 14,4 bilhões.

Os agricultores familiares, beneficiários do Pronaf, tomaram de empréstimo R\$ 34,8 bilhões (24%). Os médios produtores rurais, atendidos pelo Pronamp, contrataram R\$ 25,7 bilhões (10%) e os demais produtores, R\$ 169,6 bilhões, incremento de 23% nos financiamentos.

No que se refere aos desembolsos por região, o Norte tem se destacado com incremento de 35% no valor das contratações, correspondendo a R\$ 17,6 bilhões. O Sul contribuiu com R\$ 75,9 bilhões (21%) e o Centro Oeste com R\$ 60,7 bilhões das contratações, aumento de 16%. Os produtores do Sudeste corresponderam a R\$ 55,9 bilhões (25%) e o Nordeste com R\$ 20 bilhões (23%).

Quanto aos programas de investimento, o Proirriga continua tendo forte demanda na contratação de recursos para financiar a irrigação e os cultivos protegidos, com aumento de 44%, somando R\$ 1 bilhão. O Programa ABC teve desempenho favorável com R\$ 2,9 bilhões, com incremento de R\$ 39%.

As fontes de recursos mais representativas foram os Recursos Obrigatórios (R\$ 48,4 bilhões e 27%), a Poupança Rural Controlada (R\$ 47,6 bilhões e 17%) e a LCA (R\$ 40,9 bilhões e 34%).

Os números fazem parte do Balanço de Desempenho do Crédito Rural, divulgado nesta sexta-feira (6) pela Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

PLN 01/2022
Aguarda sanção presidencial o PLN 01/2022, que destina R\$ 868,49 milhões para o Plano Safra, aprovada pelo Congresso Nacional no último dia 28. Os recursos irão atender financiamentos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), e operações de custeio, de comercialização, e de investimento voltadas ao atendimento do Plano Safra 2021/2022.

Os recursos para o pagamento das equalizações aos agentes financeiros apresentam perspectivas favoráveis para que as operações de crédito rural voltem à normalidade.